

Empresários querem ajuste das contas públicas

Gilberto Scofield Jr.

• O executivo Carlos Salles, presidente da Xerox do Brasil, está em Stanford, no estado de Connecticut, nos EUA, onde funciona a sede do grupo americano. Salles foi defender o projeto de investimento de US\$ 100 milhões da subsidiária brasileira para os próximos dois anos e já recebeu sinal verde da matriz. Se os executivos da Xerox estão preocupados com a crise? Nem tanto assim. Afinal, foi durante os conturbados anos da década de 80 que a Xerox mais cresceu no Brasil. O que prende a atenção de Salles — e dos empresários que dão os rumos de grandes corporações brasileiras — são os gargalos econômicos que o novo Governo terá de enfrentar.

— O Brasil continua devendo a si próprio algumas reformas estruturais. Em primeiro lugar, existe a questão do déficit público, consequência da incapacidade governamental de cobrar impostos razoáveis de toda a sociedade. O quadro que vemos hoje é o de uma imensa carga tributária nas costas de poucos. O outro gargalo é a reforma da Previdência — disse ele, de Connecticut.

Rony Lyrio, presidente do grupo Sul América, concorda. Ele acha que a falta de uma poupança interna razoável atrapalha a retomada do crescimento do país e defende uma rápida e definitiva reforma previdenciária.

— Precisamos recompor a poupança interna para ficarmos menos dependentes de capital externo — diz ele.

Afonso Brandão Hennel, presidente do conselho do grupo Semp Toshiba, acha que nenhum assunto é mais prioritário que o equilíbrio das contas públicas, o ponto em torno do qual o país negocia o pacote de ajuda do FMI:

— Com as contas equilibradas o país vai poder retomar o crescimento e, depois, reduzir o desemprego e as disparidades de renda. Tudo depende do ajuste.

O mesmo pensa Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, do grupo Ipiranga e presidente da Federação das Indústrias do Rio.

— O equilíbrio das contas, em que se inclui a reforma da previdência e a tributária, é a essência de tudo — define.